



APRENDER EM REDES: AS REDES SOCIAIS VÊM TRANSFORMANDO AS VISUALIDADES DA SALA DE AULA NOS CONTEXTOS ONLINE?

LEARNING IN NETWORKS: ARE SOCIAL NETWORKS TRANSFORMING CLASSROOM VISUALS IN ONLINE CONTEXTS?

Sara Vasconcelos Cruz¹
PPGACV - Universidade Federal de Goiás

RESUMO

Este artigo reflete sobre como o uso de plataformas digitais para o ensino online desafia nossa concepção tradicional de espaços educativos e salas de aula, principalmente no que tange à visualidade desses. Enquanto a sala de aula costumava ser caracterizada por carteiras enfileiradas e quadros negros, hoje ela está mais para uma tela com vídeos ou iniciais dos alunos online. A criação de conteúdo online parece ter gerado visualidades novas com professoras e estudantes online, novas plataformas, telas, recursos audiovisuais próprios ou apropriados do uso das redes sociais, principalmente após a crise sanitária de covid-19. Considerando a mudança acelerada para o ensino online, exploramos uma tentativa de reimaginar a sala de aula tradicional para o ambiente digital.

PALAVRAS-CHAVE

Redes sociais. Educação online. Visualidades. Sala de aula.

ABSTRACT

This article reflects on how the use of digital platforms for online teaching challenges our traditional conception of educational spaces and classrooms, particularly regarding their visual aspects. While classrooms used to be characterized by rows of desks and blackboards, today they resemble more a screen with online videos or students' initials. The creation of online content seems to have generated new visualities with online teachers and students, new platforms, screens, and audiovisual resources, either inherent or appropriated from social media use, especially after the COVID-19 health crisis. Considering the accelerated shift to online teaching, we explore an attempt to reimagine the traditional classroom for the digital environment.

KEYWORDS

Social networks. Online education. Visualities. Classroom.

¹ Sara Nina. Doutoranda em Artes e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação da Prof. Dr^a Leda Guimarães. Mestra em Ensino de Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Idealizadora do canal A/r/tografismos, no YouTube e do perfil @saraninaart (instagram). Seus principais interesses são: Pesquisa em Artes, Arte Educação, Ensino de Artes EAD e A/r/tografia. Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, Campus Samambaia, Goiânia -GO. E-mail: sara.cruz@discente.ufg.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0979-0240>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3752342942197132>. Goiânia, Brasil.



Introdução

Quando falamos “educação”, é comum lembrarmos da escola regular com suas fileiras de carteiras e quadro negro, um modelo que perdura desde o século XIX. Todavia, a crescente presença das redes sociais no cotidiano parece desafiar e transformar as visualidades da educação. O espaço tradicional de aprendizagem, a sala de aula, com sua configuração habitual, deu lugar a um cenário de interações virtuais, plataformas e vídeos. Hoje, é comum que tenhamos a sensação de conhecer alguém que só vimos pela tela. Essa sensação é ainda maior quando acompanhamos a vida pessoal de produtores de conteúdo pelas redes sociais.

O Brasil passou por um crescimento considerável no uso das redes sociais, principalmente nos anos de 2020 e 2021, com a pandemia de Covid-19ⁱ. Muita gente começou a criar conteúdoⁱⁱ para as redes sociais e o tempo gasto nessas aumentou significativamente se compararmos janeiro de 2020 e janeiro de 2021, isso segundo a pesquisa *Global Digital Overview 2021*, feita pelo site *We Are Social* em parceria com a *Hootsuite*ⁱⁱⁱ. O isolamento social imposto como forma de diminuir a propagação do vírus trouxe para muitas pessoas a realidade do ensino e do trabalho remoto. Não que as tecnologias para tal não estivessem já disponíveis, mas passamos a depender emergencialmente delas para aulas, reuniões e até mesmo festas, passando a dedicar boa parte do nosso dia ao consumo de conteúdos online. A pesquisa ainda apontou que o Brasil avançou 4 posições no ranking de pessoas que usam as redes sociais com fins de trabalho com relação ao que foi apontado no ano de 2020, se tornando o 4º país do mundo em trabalhadores de redes sociais.

Ainda sobre a pesquisa *Global Digital Overview 2021*, essa também aponta que cerca de 60% dos usuários de redes sociais acessam as plataformas para “buscar informações”^{iv}, indicando que o consumo de conteúdos transita entre o entretenimento e a educação. A paisagem educacional contemporânea se deslocou (ainda mais) para o ciberespaço, trazendo consigo novas visualidades e possibilidades de espaços outros de aprendizagem. Muitos professores precisaram recorrer às redes sociais como *YouTube* e *WhatsApp* para manterem o contato com os estudantes^v. Assim, o uso das redes também parece desafiar e redefinir nossa



concepção tradicional de espaços educativos e salas de aula.

A classe docente foi duramente afetada pela pandemia com cerca de 300 mil demissões na Educação Básica até junho de 2021, segundo a Fenep (Federação Nacional de Escolas Particulares)^{vi}. Com a pandemia e a virtualização do ensino, a oferta de empregos também ficou escassa para a classe docente. Muitos professores, assim como eu, recorreram às redes sociais para se manterem. Em junho de 2020, estreei no YouTube com um canal pensado para debater Arte Educação e aquela passou a ser a minha “sala de aula”, além de uma potencial fonte de renda e um lugar de trocas e de encontros em meio ao isolamento^{vii}.

Ao pesquisar por “arte educação” e “a/r/tografia” em redes como *Instagram* e *YouTube*, percebi a carência de canais específicos para Arte Educação. Observando o grande alcance midiático e educativo do *YouTube* (FELCHER, BIERHALZ e FOMMER, 2019), o canal me pareceu uma boa oportunidade de abordar questões pertinentes da área sob um viés a/r/tográfico. Passei então a conviver com a hipótese de que há um espaço, nas redes sociais, para novas “salas de aula” que possibilitam criação, pesquisa e ensino por meio da produção em formatos próprios dessas mídias, como *lives*, por exemplo.

Assim, chego à questão deste artigo: como as redes sociais têm influenciado nas visualidades do que compreendemos como educação? É possível que essas visualidades estejam mudando com o avanço da sociedade em redes? Para responder essas perguntas, recorro à minha experiência pessoal e às imagens pesquisadas em sites de busca com as seguintes palavras-chave: “sala de aula”, “educação” e “escola”, comparando as imagens encontradas nessa busca com minha atuação como professora em redes sociais.

A sala de aula e sua visualidade habitual

Quando pensamos em escola, sala de aula ou educação, quais as imagens que nos chegam, nos perpassam ou nos acontecem, numa relação direta com nossa experiência (LARROSA, 1994)? Quando procuramos por imagens de “sala de aula”, “escola” ou “educação” no Google, que esses elementos que aparecem?



Considerando que a plataforma de busca é movida por um algoritmo que tende a mostrar primeiro aquilo que é mais “clicado”, podemos dizer que essas imagens estão bem próximas do nosso imaginário. E, paradoxal e paralelamente, nosso imaginário também é reforçado por elas, à medida em que seguem sendo as mais visitadas. Afinal, o que é uma sala de aula? Seria a sala de aula o “lugar do aprendizado”?

Quando procurei pelo termo “sala de aula” (imagem 1) no buscador de imagens da Google, as primeiras 9 imagens revelam o espaço que já concebemos tradicionalmente como sala de aula: as carteiras escolares enfileiradas em direção a uma lousa. Apenas 2 das 9 imagens apresentam pessoas.

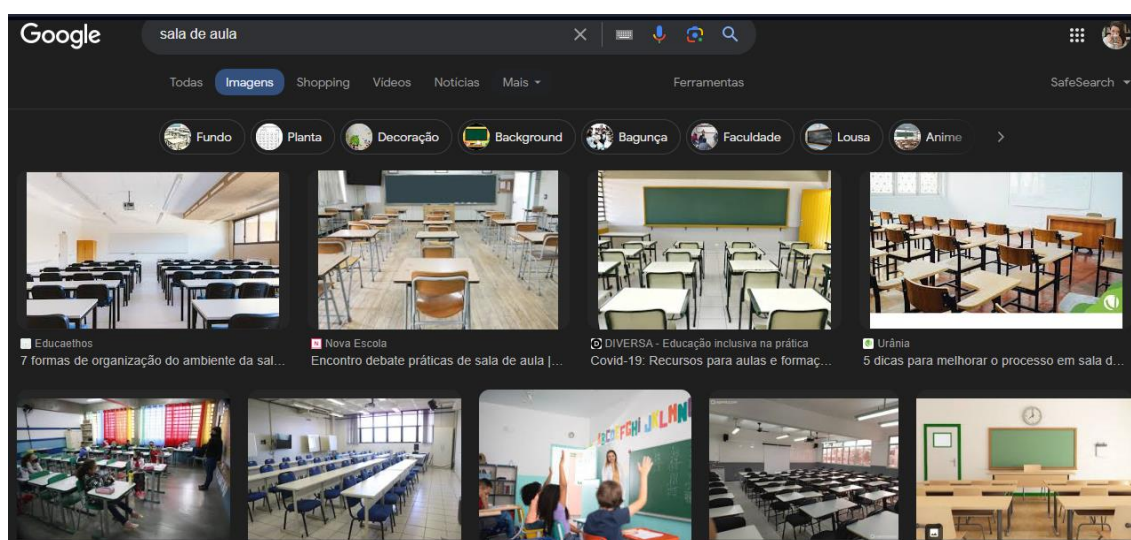


Imagem 1: captura de tela na busca do termo “sala de aula” no Google, em maio de 2024.

Quando procurei por “educação” (imagem 2), das primeiras 8 imagens da busca, 6 apresentaram livros. Outros símbolos constantes são lápis, lâmpadas, globos e quadros de giz. O que nos leva a relacionar “educação” diretamente com o ambiente escolar. Há também, em 3 das 8 imagens, a presença de professores.

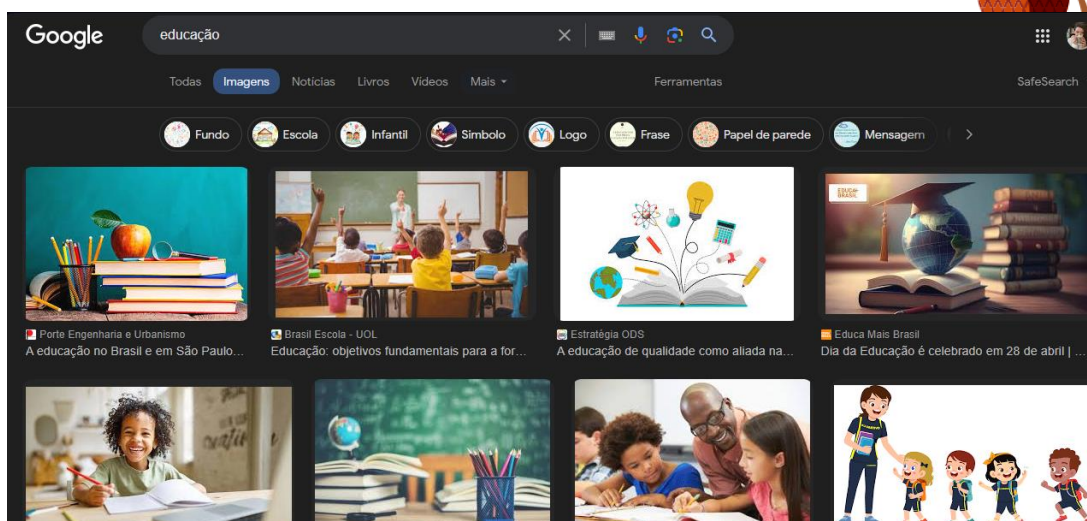


Imagem 2: captura de tela na busca do termo “educação” no *Google*, em maio de 2024.

Por fim, procurei por “escola” (Imagem 3). Aqui parece que a escola é onde os livros e as carteiras se encontram; ou, em outras palavras, onde a educação acontece em carteiras enfileiradas. Mais uma vez, as imagens apresentam signos como livros, lápis, lousa de giz e carteiras. Outro ponto interessante de notar é que os estudantes – que se encontram nas carteiras enfileiradas – são, predominantemente, crianças.

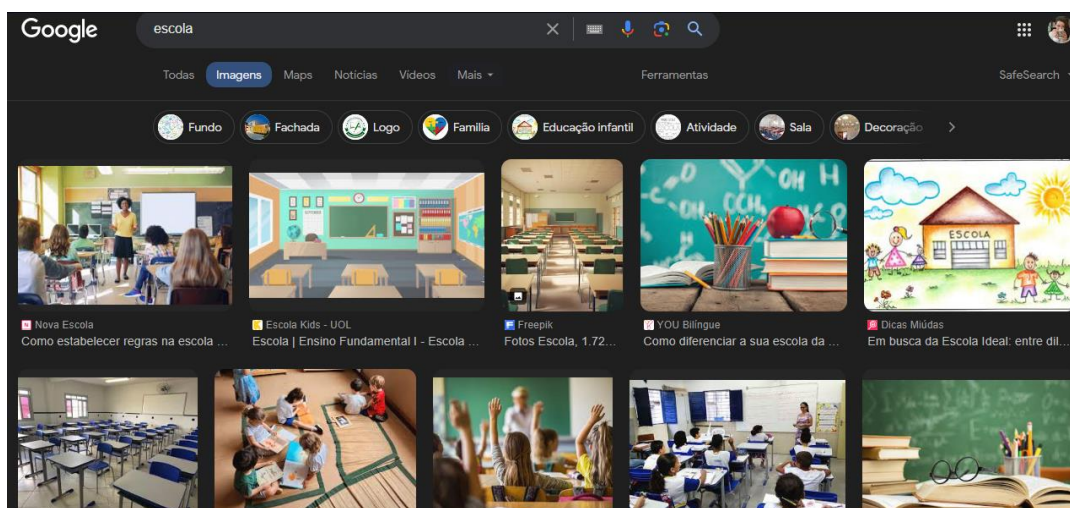


Imagem 3: captura de tela na busca do termo “escola” no *Google*, em maio de 2024.

Uma coisa importante para se destacar nas três capturas de tela: em todas as imagens, o ensino é relacionado com o presencial.



Para Foucault (2005, p.122), a escola é uma “instituição de sequestro”, denominada assim por ter como função “fazer do tempo e do corpo dos homens (*sic*), da vida dos homens, algo que seja força produtiva”. Nesse contexto, os aspectos visuais da escola são parte orquestrada dessa construção:

A cultura visual, quando se refere à educação, pode se articular como um cruzamento de relatos em rizoma (sem uma ordem pré-estabelecida) que permite indagar sobre as maneiras culturais de olhar e seus efeitos sobre cada um de nós. Por isso, não nos enganamos e pensamos (sabemos) que não vemos o que queremos ver, mas sim aquilo que nos fazem ver, o que descentra a preocupação por produzir significados e a desloca para indagar a origem os caminhos de apropriação de sentido a partir dos quais viemos aprendendo a construir os significados; o que nos leva a explorar as fontes das quais se nutre não apenas nossa maneira de ver/olhar, mas os significados que fazemos nossos, e que formam parte de outros relatos e referências culturais (HERNANDEZ, 2011, p.34).

Essas buscas me trouxeram um pequeno panorama – limitado pelo meu algoritmo, claro – de como são as imagens de “sala de aula”, “educação” e “escola”. E me lembraram da minha última vez em uma sala de aula composta por esses signos (imagem 4), que, apesar de ser uma sala de aula universitária, trazia uma composição similar às que foram mostradas anteriormente.



Imagem 4: Eu, em sala de aula. Acervo pessoal da autora, 2019.

A minha sala de aula antes da pandemia também trazia carteiras enfileiradas e um espaço de destaque para quem se encontrasse no papel de professora. Também é



possível perceber livros, cadernos e lápis. Um estudante, ao fundo, abaixa a cabeça para olhar o celular (talvez buscando informações?), a grande maioria olha para quem está à frente. A não ser pelo bebê no meu colo, essa sala de aula não traz nada de tão disruptivo das imagens anteriores, repetindo um modelo que funcional e familiar, que opera em visualidades próprias. Inclusive, ao pensarmos em visualidade, é crucial partirmos de uma diferenciação entre essa e a imagem:

[...] a imagem enquanto um dado empírico, uma fonte visual, um exemplar de uma cultura visual específica e situado no espaço e no tempo, é ponto de partida para a tessitura dos textos; enquanto visualidade, é uma rede de outras imagens ancoradas em uma cultura visual singular, uma rede de sentidos, uma ordem política que torna as imagens possíveis (SANT'ANNA).

Ou seja, a visualidade é uma rede, um conjunto, não uma imagem isolada. Por isso, quando questiono a visualidade da sala de aula, é a esse conjunto de signos já tão bem estabelecido em nossa sociedade que me refiro. A visualidade construída sobre escola não é à toa:

Ela (a escola) se produziu dentro do debate em torno da interpretação das sagradas escrituras, da expansão do livro como tecnologia simbólica e os inícios do capitalismo. Isto fazia com que a leitura e, por acréscimo, a escritura, quer dizer, a alfabetização, fosse o centro da escola, junto com a introdução aos rudimentos da aritmética e da geometria (sobretudo, como agrimensura) (HERNANDEZ, 2011, p.39).

A visualidade da sala de aula do nosso imaginário, portanto, nos remete a relações de poder, sejam elas mais ou menos óbvias: horários, hierarquias, tarefas obrigatórias ou disposição das cadeiras. Tudo comunica.

Seja, por exemplo, uma instituição escolar: sua organização espacial, o regulamento meticuloso que rege sua vida interior, as diferentes atividades aí organizadas, os diversos personagens que aí vivem e se encontram, cada um com uma função, um lugar, um rosto bem definido - tudo isto constitui um "bloco" de capacidade-comunicação poder. A atividade que assegura o aprendizado e a aquisição de aptidões ou de tipos de comportamento aí se desenvolve através de todo um conjunto de comunicações reguladas (lições, questões e respostas, ordens, exortações, signos codificados de obediência, marcas diferenciais do "valor" de cada um e dos níveis de saber) e através de toda uma série de procedimentos de poder (enclausuramento, vigilância, recompensa e punição, hierarquia piramidal) (FOUCAULT, 1984, p.241).



Essa visualidade conta ainda com um poderoso “marketing de repetição”: durante pelo menos 12 anos, a sala de aula é o ambiente que frequentamos durante horas e dias seguidos. De tanto vermos, ele parece “o certo”, “o único possível”. É um ambiente reforçado cotidianamente e pessoalmente, o que facilita que as relações de poder se estabeleçam, pois ele não é “apenas imagem”, existem aromas, gostos, texturas e sons que nos remetem à escola:

É importante não esquecer que os conhecimentos são conduzidos através de todos os tipos de diferentes mídias, incluindo outros sentidos que não são visuais, e que a imagem visual frequentemente trabalha em conjunto com outros tipos de representações (ARANTES, 2009, p.26).

Mas, e quando o aspecto presencial é cortado de repente? Com o isolamento social imposto em março de 2020, as salas de aula saíram da sua configuração tradicional e passaram a contar com telas, mensagens, notificações, *likes*, *selfies*... Nós já conhecíamos o ambiente de educação virtual, mas ele passou a fazer parte das nossas vidas como o único modo possível de mantermos relações de trabalho, educação e até mesmo pessoais.

A relação possível entre redes sociais e salas de aula

No livro “*Places of Learning: Media, Architecture, Pedagogy*” (2005), Elizabeth Ellsworth questiona os lugares de aprendizagem, argumentando que é possível aprender com tudo o que vivemos, em diversos espaços e com mídias variadas. Espaços como museus, construções e mesmo mídias eletrônicas têm o que a autora nomeia de “força pedagógica”, que é justo o que nos faz aprender a todo momento - não apenas na escola.

Assim, tendo o respaldo de Ellsworth, ressalto a importância de outros espaços como lugares de aprendizagem, investigando como as redes sociais têm se constituído como um espaço de pedagogias culturais. Pois, à medida que os professores de arte e educadores aproveitam as redes sociais como novas formas de produção e compartilhamento, imagens e vídeos e outros elementos visuais tornam-se ferramentas fundamentais na criação de significado e no estímulo à reflexão crítica. A interação online não apenas reconfigura o processo de



aprendizado, mas também oferece uma plataforma fértil para explorar as interconexões entre cultura, poder e educação. Assim, redes como o *Facebook*, *Instagram*, *TikTok* e *YouTube* passaram a constituir-se como espaços de educação, ou, nas palavras de Ellsworth (2005), “lugares de aprendizagem”.

A compreensão de que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) alteraram nossos padrões de relacionamento e aprendizagem indica um momento de transição de realidades para uma sociedade em rede (SANTOS e CARVALHO, 2020). Ainda segundo os autores, as TDICs manifestam-se não apenas na informação, mas na criação de novos hábitos, de novas relações. Gostaria de ressaltar aqui o desenvolvimento do conceito “sociedade em rede”, cunhado por Castells (2002, p.19), onde o termo representa uma:

(...) estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes.

Refletir sobre as redes sociais como espaço de crenças, identidade e cultura é fundamental, especialmente considerando as mudanças significativas enfrentadas pela classe docente após 2020. Autores como O’Neil (2021) e Bucci (2021) exploram essas dinâmicas, enquanto Zuboff (2021) destaca o impacto dos mercados digitais no comportamento, pensando como as redes vêm sendo afetadas e afetando o cotidiano e a educação dos indivíduos na contemporaneidade.

Ao vivo: a experiência como professora no *Instagram*

Quando Costa, Espigão e Pinto (2022) abordam o tema do ensino nas redes sociais, especificamente no *YouTube*, apresentam o cenário afetado pela pandemia a partir de um questionamento que eu mesma me fiz muitas vezes: “professor ou youtuber?” O *YouTube* é reconhecido pelos autores como ferramenta de ensino, incorporada à prática docente, continuamente alterada com os avanços do digital.

Em 2020, comecei a fazer uma série de *lives* intitulada “Arte Educação pra que(m)?”, onde pude conversar com diversos professores e professoras de Artes de muitas regiões do Brasil (imagens 5 e 6). Todas as *lives* foram realizadas no



Instagram e estão disponíveis no YouTube.



Imagem 5: “Arte Educação pra que(m)?”, 1ª Temporada. Acervo pessoal da autora, 2020.



Imagem 6: “Arte Educação pra que(m)?”, 2ª Temporada. Acervo pessoal da autora, 2020.

Com o tempo, passei a questionar se criar conteúdo era também promover espaços e momentos de formação em Arte/Educação, não apenas com foco em atividades escolares (muito comum quando o tema é procurado pelas palavras-chave “arte educação”, “artes”, “educação artística”), mas também para formação de professores ao debater questões que envolviam abordagens teórico-metodológicas. Seriam as *lives* a minha nova sala de aula?

Para esse debate, a escolha da pedagogia cultural é assertiva pois entende que a



educação ocorre em diferentes espaços, não limitados à escola: “Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais [...]” (STEINBERG e KINCHELOE, 2001, p.14). Aqui, ousou complementar com as redes sociais, que, na época em que Steinberg e Kincheloe escreveram, ainda não eram tão populares.

Também sobre esses outros espaços de educação, Larrosa (2002) considera que as práticas pedagógicas acontecem sim na escola, mas não apenas nela. E que, para ser educativa, a prática não precisa necessariamente ensinar algo “exterior” a quem aprende; mas que precisa estabelecer uma experiência, “uma relação reflexiva do ‘educando’ consigo mesmo” (LARROSA, 2002, p.36). Assim, cai por terra também as visualidades da educação sempre ligada aos livros. Passamos a encarar as pequenas ações cotidianas também educativas em contextos ampliados. As redes sociais agem como mídias, tal qual os livros. Meios pelo qual a educação age e circula. Sobre isso, Costa, Silveira e Sommer (2003, p.57) ressaltam:

[...] pedagogia da mídia refere-se à prática cultural que vem sendo problematizada para ressaltar essa dimensão formativa dos artefatos de comunicação e informação na vida contemporânea, com efeitos na política cultural que ultrapassam e/ou produzem as barreiras de classe, gênero sexual, modo de vida, etnia e tantas outras.

As redes sociais corroboram com os contextos plurais para educação, arte e cultura visual, pois estão inseridas nessas práticas e contribuem nos debates da estética do cotidiano. Os cenários, figurinos, enfim, escolhas estéticas dos criadores de conteúdo também contribuem para esse debate, demonstrando o alcance das redes sociais em um contexto ampliado de sala de aula, baseado no consumo das redes:

Eu entendo o consumo como um processo em que agentes se engajam em apropriação e apreciação, seja para propósitos utilitários ou contemplativos, de bens, serviços, performances, informação ou ambiente, sejam comprados ou não, sobre os quais o agente tem algum grau de critério quando um professor se utiliza do Youtube ou de outra ferramenta digital, o evento torna-se um ato de consumo dentro de performances de práticas (WARDE, 2005, p. 137, *apud* COSTA, ESPIGÃO e PINTO, 2022, p.388).

Muito me agrada a ideia trazida por Coessens (2014, p.9) da sala octogonal de Leonardo da Vinci e sua possível relação com a pesquisa em artes: “um sujeito é



confrontado com a visão de si mesmo em um número infinito de vezes a partir de diferentes ângulos”. As redes sociais podem permitir essa reflexão de diferentes ângulos, multifacetadas de si mesmo em confronto com o outro, nunca tangíveis sem o ambiente específico para isso - no nosso caso, as redes. As ações desenvolvidas no presente reverberam num futuro cada vez mais próximo, graças à imersão no ciberespaço. Seria possível projetar com mais segurança o que virá nesse cenário? Seria possível reimaginar a sala de aula? Que processos de produção de sentidos são encaminhados? Que sujeitos são constituídos? Como operam cada experiência dessas no campo da pedagogia cultural? As redes sociais estariam de fato atuando como um novo cenário para a sala de aula, a escola e a educação?

O cenário das redes sociais está longe de ser a solução para a visualidade engessada da sala de aula com carteiras enfileiradas. Ainda que propicie experiências próprias, ela ainda não seria um substituto. Talvez nem mesmo precisemos de um, mas sim de ampliar o contexto e permitir outras visualidades atuantes.

Considerações

Este artigo partiu da problemática em torno da rápida evolução das tecnologias digitais e a crescente presença das redes sociais no cotidiano, que passaram a desafiar o que temos por sala de aula. Para refletir sobre essa ampliação do conceito “sala de aula” e estendê-lo às redes sociais, partimos do aumento do uso dessas redes no ano de 2020, durante o período de isolamento social.

Constatando que houve de fato esse aumento, e que a grande maioria das pessoas se conecta às redes sociais para buscar informar-se, este artigo se propôs a explorar como as pedagogias culturais desempenham um papel fundamental na dinâmica educacional em ambientes online e, assim como as redes sociais têm criado novos espaços de educação e influenciado nas visualidades da educação.

Ter procurado por imagens de “sala de aula”, “escola” ou “educação” no *Google* veio como uma confirmação à desconfiança para a pergunta: o que constitui uma sala de aula? Pelas imagens, foi possível perceber que uma série de elementos se repetia



nas imagens: carteiras enfileiradas, lousa de giz, livros, lápis, relógio, globo... Os mesmos elementos que nós vimos repetidas vezes em nossa fase escolar. Essa repetição age como se vendesse para nós a ideia do que é a imagem “certa” da sala de aula. Em várias das imagens, inclusive, as posições de poder partiam da disposição desses elementos: mesa do professor à frente da turma, carteiras enfileiradas em uma determinada organização, quem estava como docente, os livros abertos ou servindo de degraus. Tudo isso reforça a visualidade.

Comparar as imagens das buscas com a minha imagem na minha última sala de aula presencial como professora (2019), me fez perceber que minha sala repetia os mesmos elementos das demais imagens. Mudou pouco da escola para a faculdade de Artes. Isso implica que continuamos em um formato que nos impõe relações de poder, evidenciadas pela pedagogia cultural.

Quando o isolamento social por conta da crise sanitária de Covid-19 começou, no ano seguinte à minha foto na universidade, a sala de aula passou a ser sinônimo de telas, microfones, lives, câmeras, botões de *reaction* ou compartilhamentos. Câmeras fechadas, avatares, um consumo exacerbado de redes sociais, mas uma dificuldade em ligar a câmera nas aulas online. A sala de aula mudou.

Pensar como se dão as relações de educação, aprendizagem e consumo nessa nova sala de aula, principalmente nas lives, me motivou a retomar imagens de lives antigas minhas. Os vídeos dessas continuam disponíveis no canal *Alr/tografismos*. A live entra nas nossas casas, cria simulações de intimidade: sabemos sobre pessoas distantes, estamos com elas, ao vivo, aprendendo e ensinando, gerando atritos, mas não podemos senti-las.

Disse e repito: não é como se as tecnologias para tal não já existissem antes, mas é a substituição repentina de um espaço para outro simulado. O cenário das redes sociais está longe de ser a solução para a visualidade engessada da sala de aula com carteiras enfileiradas. Ainda que propicie experiências próprias, ela ainda não seria um substituto. Talvez nem mesmo precisemos de um, mas sim de ampliar o contexto e permitir outras visualidades atuantes.





Referências

ARANTES, K. Ocupando o lugar do “outro”: cultura visual e experiência docente. In: MARTINS, R. e TOURINHO, I. (orgs.). **Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa** – Santa Maria : Ed. Da UFSM, 2009.

BUCCI, E. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. A Era da Informação. Economia, Sociedade e Cultura, Volume I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

COESSENS, K. **A arte da pesquisa em artes** - traçando práxis e reflexão. ARJ – Art Research Journal / Revista de Pesquisa em Artes, v. 1, n. 2, p. 1-20, 11. 2014. <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5423>.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. Revista Brasileira de Educação. Número Especial – Cultura, Culturas e Educação. n. 23, maio/jun./jul./ago. 2003.

COSTA, B. G. dos S., ESPIGÃO, H. S., & PINTO, M. de R. (2022). **Professor ou youtuber?** A crise da COVID-19, as mudanças de práticas sociais e a adoção de tecnologias para o ensino remoto. *Cadernos EBAPE.BR*, 20(3), 387–400. <https://doi.org/10.1590/1679-395120210044>

ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning: media, architecture and pedagogy**. New York: Routledge, 2005.

FELCHER, Carla Denize Ott; BIERHALZ, Crisna Daniela Krause; FOLMER, Vanderlei. A utilização dos vídeos educacionais do YouTube na Licenciatura em Matemática: presencial e a distância. *RENTE-Revista Novas Tecnologias na Educação*, v. 17, n. 1, p. 577-586, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rente/article/view/95950>>. Acesso em maio de 2022. DOI: < <https://doi.org/10.22456/1679-1916.95950> >

FOUCAULT (1984). O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2005.

HERNÁNDEZ, F. A Cultura Visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: TOURINHO, I; MARTINS R. **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz (org.). **Sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

O’NEIL C. **Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia**. Santo André (SP): Ed. Rua do Sabão; 2021.



SANT'ANNA, Thiago F. Uma abordagem arqueogenealógica e rizomática das imagens na "arena aberta de combates, também alcunhada de cultura visual". Vale Tudo?.

SANTOS, Kleber E. O. e CARVALHO, Ana B. G., **MÍDIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA:** o TikTok como suporte aos processos de ensino e aprendizagem. EM TEIA – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana – vol. 11 - número 2 – 2020.

WARDE, A. (2005). **Consumption and Theories of Practice.** Journal of Consumer Culture, 5 (2), 131-153.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância:** a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder”. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

Notas

ⁱ De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2020), a Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves.

ⁱⁱ “A produção de conteúdo é uma estratégia que consiste em criar e distribuir materiais em texto, vídeo ou áudio — como posts de blog, eBooks, podcasts e vídeos — usada com frequência por empresas que investem em Marketing Digital”. Disponível em <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/producao-de-conteudo/#:~:text=A%20produção%20de%20conteúdo%20é,que%20investem%20em%20Marketing%20Digital>

ⁱⁱⁱ Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report>

^{iv} Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report>

^v Em 2019, de acordo com a pesquisa TIC Educação, 61% das instituições de ensino utilizaram o WhatsApp como ferramenta educacional. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2021/08/com-pandemia-whatsapp-ganha-status-de-instrumento-pedagogico-no-brasil/>

^{vi} **Professores de escolas privadas foram demitidos na pandemia**”, disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/professores-de-escolas-privadas-foram-demitidos-na-pandemia/153012/> Último acesso em maio de 2022.

^{vii} Como exemplos de canais voltados para Arte Educação iniciados ou continuados a partir de 2020, temos *Art Education* (França), *Lugar Específico* - entre arte e educação (Portugal), *Asociación Artística ASART* (Costa Rica) e os brasileiros *História da Arte com Tio Virso*, *Pra falar de Arte educação*, *TV Dadá- Arte*, e o meu canal, *A/R/Tografismos*. Disponível em: <https://www.youtube.com/@Artografismos/videos>